

Por que estudar Arte na escola?

Para o Stockler, o contato com as linguagens artísticas é fundamental para a formação de jovens críticos

- + ATUALIDADES
- + NOVIDADES EM LITERATURA
- + PRODUÇÃO DOS ALUNOS
- + O QUE ROLOU EM 2016

Caro leitor, cara leitora.

“A arte existe porque a vida não basta.” A frase é de um dos mais importantes artistas contemporâneos brasileiros, o poeta, dramaturgo e crítico de arte Ferreira Gullar, falecido neste ano de 2016. Tomo emprestada a fala de Gullar para explicar por que o ensino de Artes é parte essencial do percurso formativo oferecido pelo Stockler. Neste mundo acelerado e ruidoso, vivemos o paradoxo da hiperconectividade alienante: ao mesmo tempo que estamos em contato constante com os outros por meio das redes sociais e demais mídias, nossa visão da realidade fica cada vez mais estreita, filtrada por algoritmos que nos alimentam de informações conforme nossas preferências. A exposição à diversidade, a outros olhares e perspectivas, torna-se cada vez mais rara. O contato com as Artes é uma das formas mais eficazes de combater esta forma de miopia, expandir nossos horizontes pessoais e nos inserir em novos universos.

Em 2016, muito se debateu a respeito da relevância do ensino de Artes no Ensino Médio. Observei, perplexo, a proliferação de um discurso que defendia a supressão da vivência artística em nome de uma ampliação do ensino de conhecimentos mais “úteis”. Este argumento traz em si a noção de que a experiência estética é supérflua, de que o papel da Arte na vida das pessoas deveria ser, quando muito, secundário. No Stockler, pensamos diferente. Acreditamos que a leitura crítica de uma obra literária, a visita a um espaço expositivo como o Instituto Inhotim, a montagem de uma peça teatral, a construção de um repertório musical são experiências essenciais para a formação de um indivíduo pensante.

Nesta edição de *O Ano em Revista*, você poderá conhecer algumas das principais atividades realizadas por nossos alunos no campo das Artes. Esses projetos, em sua maioria interdisciplinares, procuram desenvolver e aguçar a sensibilidade, e também promover conexões entre vários campos do conhecimento. Utilizamos o cinema, o teatro e a literatura para introduzir alguns dos mais relevantes e complexos temas da atualidade, como a intolerância. Convidamos nossos alunos a ir além da mera fruição e refletir de forma crítica sobre cada uma dessas experiências. Reações típicas a uma obra de Arte, como encantamento, estranheza e até repulsa, adquiriram novo significado ao serem articuladas em forma de resenha crítica ou de texto argumentativo-dissertativo.

Refletindo sobre os eventos que convulsionaram o Brasil e o mundo em 2016, retorno a Gullar e convido você, leitora ou leitor, a estreitar seu contato com a Arte. Boa leitura!



Marcos Stockler

Professor Stockler



DIRETOR EXECUTIVO
Marcos Stockler

DIRETORAS ADJUNTAS
Julia Stockler
Mariana Stockler

DIRETOR ADMINISTRATIVO
Agostinho Marques Filho

DIRETORES PEDAGÓGICOS
Almir Bunduki
Josely Maria Ofenböck Magri
Sonia Cavalheiro Borghi

SUPERVISOR PEDAGÓGICO
Miguel Augusto de Toledo Arruda

ORIENTADORAS EDUCACIONAIS
Alessandra Bronze
Kátia Ritzmann
Maria José Gimenes
Sueli Garcia

COMUNICAÇÃO
Júlia Blumenschein

O Ano em Revista é uma publicação do Colégio Stockler, com conteúdo e design produzidos pela agência PIU COMUNICA.



COORDENAÇÃO EDITORIAL
Anna Angotti e Claudia Carmello

EDIÇÃO

Paula Takada

PROJETO GRÁFICO E DESIGN
Maíra Tanaka

REVISÃO

André Albert e José Muniz Jr.

Impressão GRÁFICA PRINTI



SUMÁRIO

- 4. *Acontece*
- 6. *Artes*
- 14. *Atualidades*
- 22. *Literatura*
- 26. *Ciências*
- 28. *Entrevista*
- 30. *Ponto final*

Esporte no Recreio



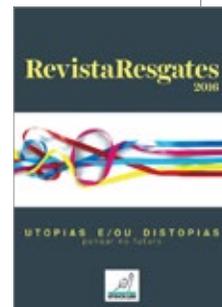
As Olimpíadas do Intervalo agitaram os recreios do Ensino Fundamental no terceiro trimestre. Influenciados pelo clima olímpico que contagiou o país em 2016, os alunos espantaram o sedentarismo, disputando partidas de queimada-gol (6º e 7º anos), volei, basquete e futebol (8º e 9º anos).



Foto: Wlase Ricardo (Chico)

16ª Copa Stockler

- 1º lugar: 2ª série C
- 2º lugar: 2ª série B
- 3º lugar: 1ª série A



Revista Resgates

Esta edição reúne monografias iniciadas pelos alunos na 2ª série do Ensino Médio em 2015 e concluídas no primeiro semestre de 2016. Ela traz temas variados, com mais textos de Biologia do que nos anos anteriores e uma presença expressiva de alunos que entraram no Stockler no Ensino Fundamental. "Tivemos um ótimo problema para resolver este ano: mais artigos para publicar. Seguindo os mesmos critérios e o mesmo rigor de correção, aprovamos mais trabalhos, o que mostra que esses meninos e meninas estão escrevendo cada vez melhor", avalia Eduardo Valladares, coordenador da área de Humanidades.

Medalhistas olímpicos 2016

Com 26 medalhas, os times do Stockler continuam superando seus resultados nas competições de Matemática. Este ano, 45 alunos do Fundamental e do Ensino Médio participaram dos encontros preparatórios – oferecidos no contraturno – e representaram o colégio nas olimpíadas Brasileira, Paulista, Canguru e Matemática sem Fronteiras, todas realizadas no primeiro semestre.



Foto: Paula Takada

Alunos conquistam medalha de bronze na 19ª Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (OBA)

Olimpíadas de Astronomia

“Ficamos interessados em participar e, com apoio do Colégio, fizemos nossa inscrição. Havia muitas perguntas sobre constelações, lançamentos de foguetes, com muitos conteúdos de Física e Matemática.”
Pedro Charmillot Silva, 2ª série B

“Fiquei muito feliz com o 3º lugar, porque estávamos competindo com pessoas do Brasil inteiro.”
Eduardo Rodrigues Haddad Budaibes, 2ª série B



Foto: Carolina Gonzalez

Nanette Konig: uma lição de resistência

Sobrevivente do Holocausto nazista, Nanette Blitz Konig esteve no Stockler em outubro para conversar com os alunos do 9º ano. Ela contou como foi sua infância em Amsterdã até ser levada em 1943 para um campo de concentração, onde foi separada de todos os familiares. Em fevereiro de 1945, no campo de Bergen-Belsen, Nanette reencontrou-se com Anne Frank, com quem havia estudado anos antes. “Reconheci Anne, reduzida a um mero esqueleto, por meio de um arame farpado. Depois o arame foi retirado, e foi muito emocionante abraçá-la. Ela tremia de frio e estava em um cobertor, porque não aguentava suas roupas cheias de piolho”, lembrou.

Organizado pela professora Cristina Charnis, de Geografia, o encontro deu continuidade às discussões iniciadas com as visitas dos alunos ao Memorial da Resistência e ao Memorial da Imigração Judaica, no primeiro semestre. O trabalho propõe uma reflexão sobre a construção de um mundo mais democrático, solidário e justo, com base no testemunho e nas memórias de vítimas de regimes autoritários.

Arte pra quê?

O ENSINO DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS NA ESCOLA É IMPRESCINDÍVEL PARA A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS CRÍTICOS, ÍNTEGROS E HUMANOS

Texto: Paula Takada

“Não é possível formar um cidadão por completo se você afasta o sujeito do mundo das artes, do pensamento artístico.” A afirmação do professor Marcos Stockler, fundador e diretor executivo do colégio, contrasta com a Medida Provisória (MP) 746/2016, que prevê a reestruturação do Ensino Médio no país. Encaminhada ao Congresso Nacional em 22 de setembro, a MP estabelece, entre outras propostas polêmicas, que as disciplinas de Arte e Educação Física passem a ser optativas no Ensino Médio, restringindo sua obrigatoriedade ao Ensino Fundamental e à Educação Infantil.

No Stockler, entretanto, a programação da área continuará obrigatória para todos os segmentos. “A experiência estética é tão importante quanto a experiência científica, que é racional, metódica e sistemática. Portanto, não há como abrir mão da Arte em uma proposta de ensino”, complementa Eduardo Valladares, coordenador da área de Humanidades do Stockler.

Diversidade e coerência com a faixa etária de cada série são as marcas do currículo de Artes no colégio. Do 6º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio, os alunos têm a oportunidade de ampliar seu repertório cultural, com a apreciação de obras em diferentes linguagens e o estudo focado no trabalho e no contexto histórico de artistas. Mas não se trata de uma proposta apenas teórica: boa parte das aulas é reservada para a produção, e os alunos são desafiados a desenhar, grafitar, fotografar, filmar, tocar um instrumento, atuar em um vídeo ou em uma peça teatral.



A apreciação acontece dentro e fora das salas de aula: num simples passeio pelos corredores da escola, o aluno tem a chance de observar reproduções de telas de Picaso, Monet, Miró, Kandinsky e do brasileiro Volpi. “É importante que a criança passe todos os dias na frente de um quadro e possa pensar se é bonito, se é feio, se é estranho... A ideia é essa: não apartar as crianças do mundo das artes, porque esse é um mundo capaz de desestruturar a lógica cotidiana e fazê-las, pelo menos, duvidar de certas verdades, desenvolvendo uma capacidade de crítica interessante”, explica o Prof. Stockler.

Nas turmas de 6º, 7º e 8º ano, os projetos coordenados por Fernanda Assumpção focam diferentes aspectos das Artes Visuais. “Começamos estudando o Modernismo no Brasil, analisando obras de Tarsila do Amaral”, explica a professora. No 7º ano, aborda-se um dos projetos de

maior sucesso entre os adolescentes: o grafite. No ano seguinte, os alunos estudam as vanguardas artísticas europeias e, no segundo semestre, mergulham no universo da arte digital e dos games (ver os projetos na página 10).

Além das aulas em Artes Visuais, essas turmas também estudam Música semanalmente. No primeiro trimestre, o trabalho começa com uma espécie de aquecimento, com jogos de reação e brincadeiras musicais. “A ideia é sensibilizá-los para o contexto musical em que estão inseridos”, explica Paulo Afonso, professor de Música. Depois, passam a experimentar os instrumentos e a aplicar os conhecimentos em canções. “Cada classe elenca uma lista de cinco músicas e me apresenta, e eu escolho uma para entrar no repertório”. No último trimestre, outras peças apresentadas pelo professor completam o programa executado nas audições (ver página 11).

Como o 9º ano marca a conclusão do Ensino Fundamental e, ao mesmo tempo, garante a transição para a 1ª série do Ensino Médio, o trabalho com o teatro é diferente nesta série. Orientados pela professora Carolina Gonzalez, os alunos realizam, desde 2014, o Projeto Memórias, integrando todas as disciplinas da série. As principais linguagens trabalhadas pela professora são o teatro, a fotografia e o vídeo (ver trabalhos nas páginas 7, 8 e 9). Os alunos praticam as técnicas de atuação e maquiagem cênica ao serem fotografados e filmados. Além disso, aprendem a fotografar, iluminar uma cena, gravar e editar vídeos.

O teatro foi a primeira linguagem artística a integrar o currículo do Stockler, quando ainda oferecia somente o cursinho pré-vestibular. “Além da importância histórica e cultural, retomando a Grécia Antiga, incluímos esta disciplina para promover habilidades de socialização e de comunicação nos alunos”, lembra o Prof. Stockler. A proposta continua na 1ª série do Ensino Médio, sob a orientação do professor Celso Solha, e culmina com a Mostra de Teatro de Repertório e Dramaturgia, atualmente em sua 17ª edição (ver página 13).

Já na 2ª série do Ensino Médio, o conteúdo de Arte é integrado às aulas de Filosofia, ministradas pelo professor Mauro Weber, com base em discussões no campo da estética. “Os alunos estudam a *Poética* de Aristóteles, leem sobre a indústria cultural em textos de Adorno e Horkheimer e terminam com a análise das vanguardas artísticas. São todos temas presentes em vestibulares”, explica Valladares.

Desde 2008, os alunos dessa série realizam uma imersão no Instituto Inhotim, em Brumadinho (MG), dentro da programação do projeto “Veredas da Cultura”. O estudo de campo inclui também a observação da arte barroca em Ouro Preto e do Conjunto Arquitetônico da Pampulha, em Belo Horizonte.

No segundo semestre da 3ª série do Ensino Médio, durante as revisões que antecedem os principais vestibulares do país, alguns conteúdos de Arte são retomados.

Por tudo isso é que a Arte continuará presente no currículo do Stockler. “Enquanto a Arte existir, vai ser possível acreditar no que é bom, no que é possível e no que é verdadeiramente humano. A Arte redime a humanidade. Por isso, a escola não pode privar o aluno do contato com esse universo”, conclui o Prof. Stockler.



Fotos: Paula Takada

STOCKFLIX

O SERIADO DO STOCKLER

PROJETO STOCKFLIX - 9º ano

○ audiovisual como linguagem

No 9º ano, série que encerra o Ensino Fundamental, o Projeto Memórias é o principal trabalho. Ele envolve a participação de professores de todas as disciplinas; em Arte, sob a orientação da professora Carolina Gonzalez, são priorizadas as linguagens do teatro, da fotografia e do audiovisual.

Batizada de Stockflix, a proposta deste ano foi produzir um seriado de televisão com episódios que perpassassem momentos estudados nas aulas de História: Primeira e Segunda Guerras Mundiais, bombardeio a Hiroshima, os anos 1960 e a atualidade.

Os alunos elaboraram o roteiro de cada episódio da série e o *storyboard* das cenas principais. Na fase de pré-produção, construíram os personagens e realizaram pesquisas de figurino, objetos de cena, maquiagem e sonoplastia. Durante os ensaios, aprimoraram técnicas teatrais de interpretação. Nas gravações, puderam experimentar enquadramentos e diferentes propostas de iluminação, bem como enfrentar o desafio de estar ora em frente à câmera, ora atrás dela. Noções de edição e finalização de um filme foram trabalhadas na pós-produção.

Os seriados podem ser assistidos no canal do Stockler no YouTube:

<https://goo.gl/SogiWQ>

PROJETO O CORVO - 9º ano

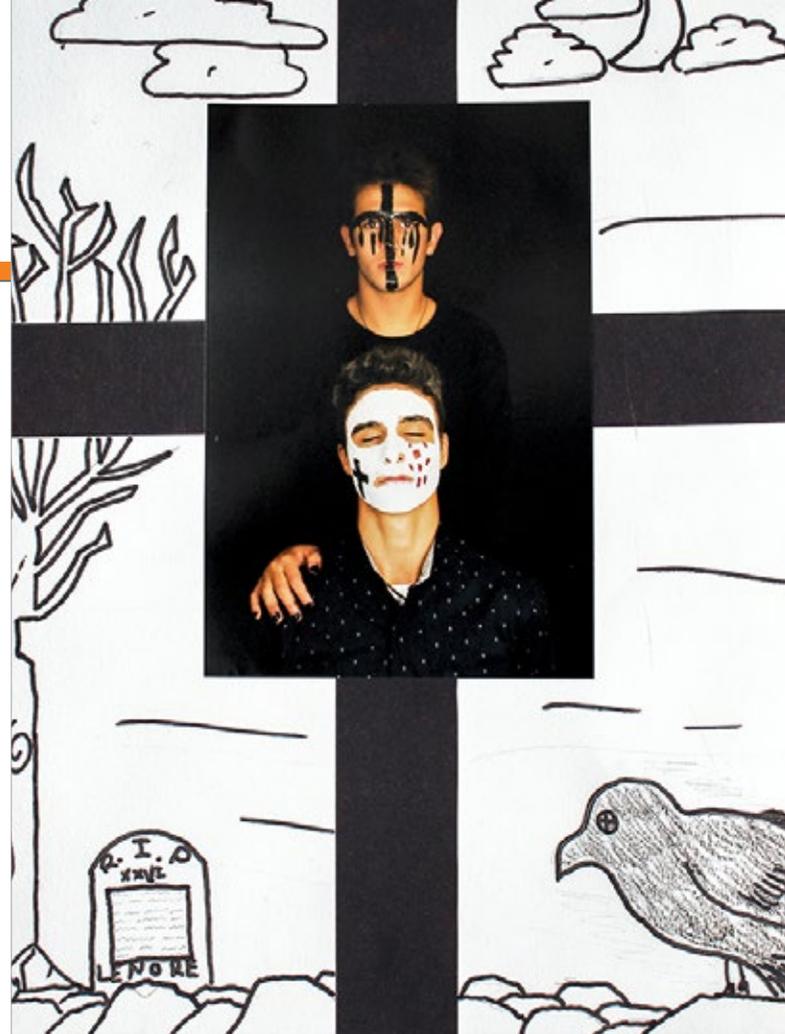
Fotografia e poesia

Texto: Carolina Gonzalez

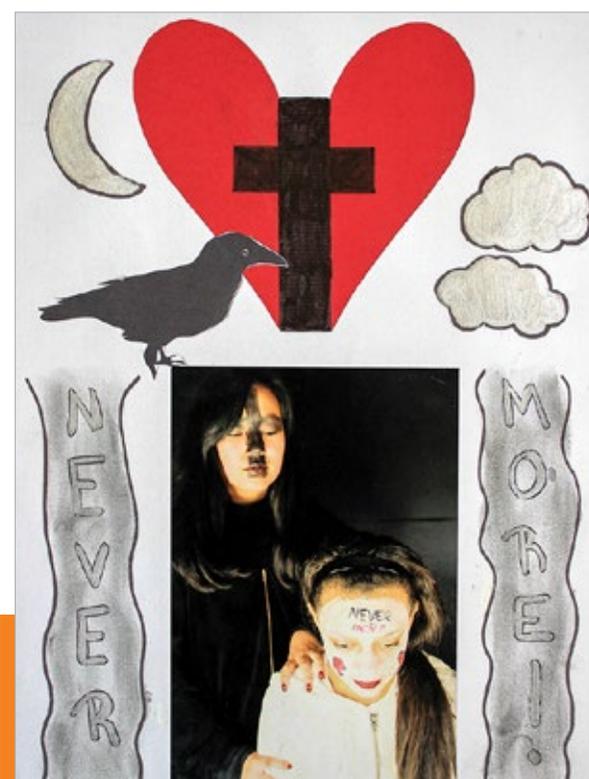
O poema *O corvo*, de Edgar Allan Poe, foi estudado nas aulas de Inglês (texto original), Português e Redação (duas traduções de períodos diferentes). No poema, o eu lírico tenta lidar com o sofrimento causado pela perda da amada e a memória desse amor.

Nas aulas de Arte, os alunos produziram suas fotografias de retrato com maquiagem cênica e confeccionaram, por meio da técnica da fotocollagem, um cartaz inspirado em uma cena do poema.

Ao final, os trabalhos foram apresentados no auditório para uma banca: em português, os alunos explicaram as colagens e desenhos e, em inglês, relacionaram as fotografias à obra literária.



Artur Baltar e Rafael Garrido, 9º ano B



Thomaz Martolio e Rafaela Pinese, 9º ano B

Maria Eduarda Pereira e Sofia Navas, 9º ano B

Rafaela Perrotti, 9º ano B



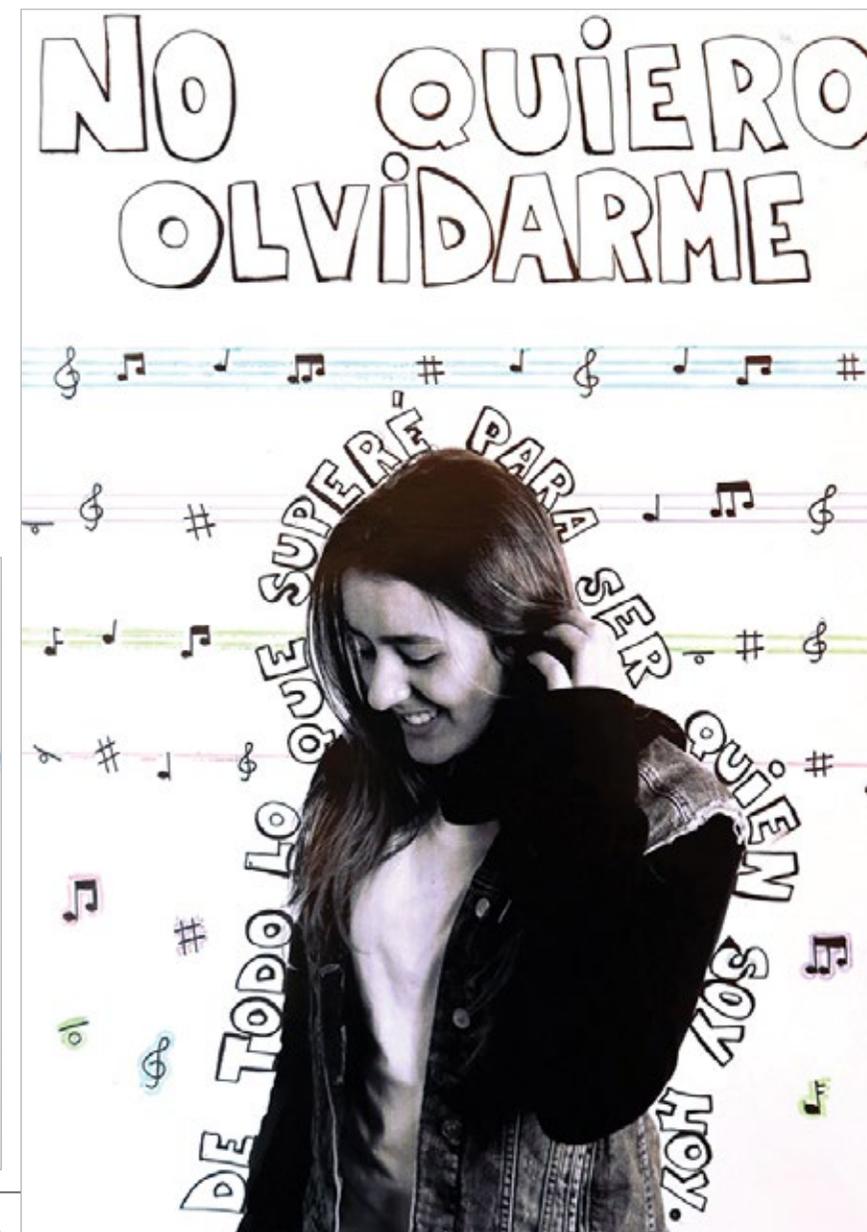
PROJETO RETRATOS FALANTES - 9º ano

O que eu não quero esquecer?

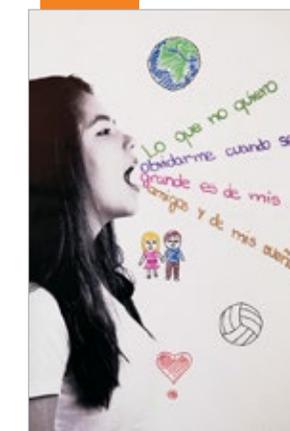
Texto: Carolina Gonzalez

Como seria dar voz à fotografia e eternizar na imagem uma memória? Esse foi o desafio apresentado aos alunos, com base no trabalho do fotógrafo Paulo Fridman. Em um de seus projetos, ele caminhava pelas ruas de São Paulo e pedia às pessoas que escrevessem ou desenhassem em um papel a resposta a uma de suas perguntas. Em seguida, ele as fotografava. Em seu estúdio, Paulo submetia a foto e o texto, ou desenho, a um processo de fusão digital. Percebeu que, por meio da fotografia, aquelas pessoas, até então anônimas, tinham espaço para trazer à luz pensamentos, conflitos, ideias e sonhos. A fotografia, mesmo muda, deu voz a seus personagens. Assim nasceu o nome do projeto: Retratos Falantes.

A partir das discussões sobre o filme *Um conto chinês*, realizadas nas aulas de Espanhol, cada aluno respondeu a pergunta: O que eu não quero esquecer? Depois de desenhar ou escrever a resposta em espanhol, foi fotografado pelo colega. As fotografias foram reveladas e entregues aos alunos para que eles transcrevessem suas respostas junto a seu próprio retrato, dando voz à imagem.



Gabriela Trovó, 9º ano A



Gabriela Nogueira, 9º ano B



Foto: Paula Tibiada

PROJETO GRAFITE - 7º ano

Arte de rua dentro da escola

As diferenças entre pichação e grafite marcaram as discussões iniciais sobre a arte de rua no 7º ano. Em seguida, cada aluno pesquisou o trabalho de um grafiteiro nacional e apresentou para a sala. À professora coube dar uma palestra sobre o trabalho dos artistas brasileiros OSGEMEOS. Discutiram-se temas como vandalismo, preservação do patrimônio, espaços públicos e privados. Para finalizar, com latas de spray, pincel e rolinhos nas mãos, os alunos renovaram a pintura do muro interno do colégio.



MÚSICA - do 6º ao 8º ano

Ampliar o repertório e experimentar instrumentos

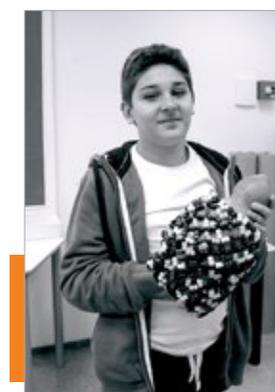
Nas aulas de música, o ano começou com técnicas e reações musicais a fim de desenvolver a percepção dos alunos na dinâmica de tocar junto. Para isso, foram promovidas atividades coletivas de improvisação e composição. Nos meses seguintes, vieram os trabalhos com repertórios específicos:

6º ano: música brasileira com foco no samba e no baião, para desenvolver habilidades rítmicas e conhecer canções significativas da cultura brasileira.

7º ano: música medieval e renascentista. "Acredito ser uma boa porta de entrada para despertar interesse pela tradição europeia que vai dar na música clássica", avalia o professor Paulo Afonso.

8º ano: a influência africana na música das Américas, com canções em português, espanhol e inglês.

O trabalho musical de cada turma foi apresentado em mais uma edição do Intervalo para Música, com audições nos intervalos em outubro e novembro.



Fotos: Carolina Gonzalez

PROJETO PIXEL - 8º ano

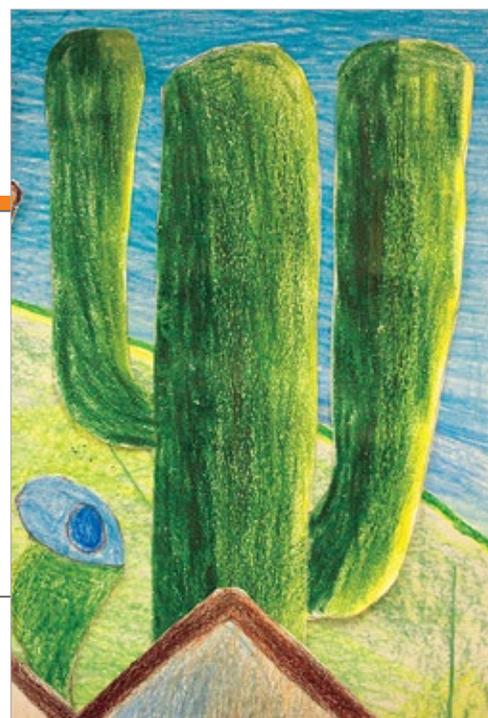
O mundo dos games e a arte digital

O que é um pixel? Como os computadores evoluíram? Qual foi o primeiro videogame? Como chegamos ao Pokémon GO? Essas perguntas aqueceram a produção de *bitmaps*, imagens compostas por pixels visíveis, feitas pelos alunos do 8º ano, preenchendo com lápis de cor todo o papel quadriculado no formato A3.



Christopher Daniel Ryan, 8º ano B

Thiago Steinberg, 6º ano A



PROJETO MODERNISMO - 6º ano

Inspirados por Tarsila do Amaral

Quando chegam ao Colégio, no 6º ano, os alunos mergulham na Semana de 1922 e estudam a obra dos principais representantes brasileiros da Arte Moderna. Em seguida, se aprofundam na produção de Tarsila do Amaral. Este ano, cada aluno escolheu uma obra da pintora para apresentar ao grupo: *A negra*, *A lua*, *O touro*, entre outros. O *Abaporu* foi apresentado pela professora. Em seguida, utilizaram a técnica de pintura em degradê com giz de cera para criar reproduções livres de elementos presentes nos quadros de Tarsila, com formas arredondadas e volumétricas.

VEREDAS DA CULTURA –
2ª SÉRIE DO EM

A estética da Arte Contemporânea

No primeiro semestre da 2ª série do Ensino Médio, durante aulas de Filosofia, História, Jornalismo, Língua Portuguesa e Redação, os alunos foram provocados a refletir sobre a estética, por meio das atividades que integram o Projeto Veredas da Cultura.

O texto ao lado é uma crítica a *Celacanto provoca maremoto*, de Adriana Varejão, uma das obras analisadas durante a visita ao Instituto Inhotim, em Brumadinho (MG), em junho de 2016.



Foto: Bettina Fortaleza

MAREMOTO SOBRE TELA

por Bruno Hercules

O Instituto Inhotim, em Brumadinho (MG), abriga quase setecentas obras no total, incluindo seu acervo. Além de estrangeiros, diversos artistas brasileiros renomados – como Tunga, Adriana Varejão, Cildo Meirelles e Helio Oiticica – têm alguns de seus trabalhos expostos no maior museu de arte contemporânea do mundo. O lugar também conta com a beleza paisagística e a presença de vastos jardins botânicos.

Ali, o gosto por *Celacanto provoca maremoto*, de Adriana Varejão, é unanimidade entre os verdadeiros apreciadores da arte contemporânea. Seja ao crítico conservador ou mais arrojado, ou então ao leigo, essa produção tende a agradar principalmente pela criatividade da artista carioca ao estabelecer alusões à história. Em termos de plasticidade, a obra também impressiona por sua dimensão e simplicidade na pigmentação.

Produzida entre 2004 e 2008, *Celacanto provoca maremoto* foi pensada justamente para o local em que está exposta, o que no mundo da arte chamamos de *site specific*. A jovem – porém, bastante reconhecida mundialmente – Adriana Varejão combina óleo e gesso sobre tela, simulando grandes azulejos – de 110 x 110 cm – unidos, revestindo as paredes do salão. Esses materiais compõem um ambiente bem iluminado e com pé-direito alto.

Além desta, a galeria abriga outras cinco obras da artista, entre elas *Carnívoras* (2008), *Linda do Rosário* (2004) e *O colecionador* (2008), produzidas com a mesma técnica. Ao subir para a sala da principal atração da galeria, a primeira impressão é de certa confusão. O estranhamento deve-se ao fato de que os azulejos estão posicionados fora de uma ordem tradicional, que dê sequência às imagens. Lembra um quebra-cabeça fora de ordem. As imagens, pintadas em diferentes tons de azul, e somente desta cor, remetem a características da arte barroca, pelos movimentos curvilíneos da pintura, assimetria e caráter cenográfico. A representação das grandes navegações estabelece uma referência ao período colonial.

O significado e interpretação que a própria autora atribui publicamente a *Celacanto provoca maremoto* é profundo, historicamente relevante, e permite uma reflexão singular. Ela afirma que a obra refere-se a revoltas populares, principalmente durante o período da ditadura militar. Celacanto é um peixe que vive no fundo do mar e, portanto, “provocar maremoto é uma metáfora. Significa que, em conjunto, pessoas que “ocupam a base da pirâmide” – de baixa classe social – são capazes de causar grandes impactos políticos e morais na sociedade. “A união faz a força” foi um lema utilizado por manifestantes no contexto da ditadura no Brasil, sobretudo na década de 1970.

Visitar o Instituto Inhotim é essencial para ampliar o repertório artístico. A arte contemporânea nos permite compor a obra, participar dela, tornando-nos coautores e não mais apenas interlocutores. Vivenciar *Celacanto provoca maremoto*, uma das atrações preponderantes do museu, é, sem dúvida, uma experiência única.

“Essa produção tende a agradar pela criatividade da artista carioca ao estabelecer alusões à história. Em termos de plasticidade, impressiona por sua dimensão e simplicidade na pigmentação.”



TEATRO – 1ª e 2ª séries do EM

Para rir e aprender com os erros

Resultado de um longo processo de estudo de textos e ensaios, a Mostra de Repertório e Dramaturgia do Stockler de 2016 ensinou aos alunos mais uma importante lição: os erros podem ser superados com improviso e humor. Vale também apoiar o colega para soprar a deusa e ajudá-lo a seguir em frente, porque, afinal, “o espetáculo deve continuar!”

Nesta edição da Mostra, foram apresentadas adaptações das seguintes peças:

1ª série A

A comédia dos erros, de William Shakespeare

1ª série B

O caixeiro da taverna, de Martins Pena

1ª série C

Flor de manacá, de J. Silva



Fotos: Carolina Gonzalez





Horizontes

MARCA DO CURRÍCULO DO STOCKLER, A REFLEXÃO SOBRE A REALIDADE QUE NOS CERCA ESTÁ PRESENTE EM TODAS AS SÉRIES DO FUNDAMENTAL E DO MÉDIO

ampliados

“Jornalismo?! Mas eu nunca tive aula de Jornalismo...” É com essa reação de perplexidade que os alunos recém-chegados ao Stockler se aproximam dessa disciplina, a princípio, estranha. No decorrer das aulas semanais, eles percebem que não se trata de um bicho de sete cabeças e logo se acostumam com a rotina de ler notícias e discutir os principais fatos da atualidade, em todos os anos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio.

Marcos Stockler, fundador e diretor executivo do colégio, justifica essa escolha tão peculiar do Stockler: “Logo no começo, quando criamos o colégio, chegamos à conclusão de que era impossível apartar os alunos da realidade do nosso país e do mundo. Naquela época, não havia internet e as informações não circulavam com a velocidade de hoje, mas já era muito claro para nós que Jornalismo deveria ser uma disciplina do currículo”.

Além de promover o hábito de acompanhar os principais acontecimentos da esfera pública, a disciplina incentiva os alunos a participar de diferentes debates, por meio dos quais eles possam, aos poucos, amadurecer o olhar crítico, assumir um ponto de vista e sustentá-lo com argumentos. Tal amadurecimento é visível nos textos produzidos pelos estudantes do Ensino Médio (ver páginas 19, 20 e 21).

À frente da disciplina, estão professores que também são jornalistas, o que permite abordar os bastidores da notícia, a fim de formar jovens capazes de ler e de produzir conteúdos em diferentes mídias.

Além da disciplina de Jornalismo, outros projetos criam condições para que o estudante mergulhe nas grandes questões contemporâneas. O Cine Debate, realizado desde 2005, é um exemplo. Este ano foram organizados três encontros, que contribuíram para ampliar o repertório dos alunos que prestaram o vestibular. As sessões de exibição dos filmes *As sufragistas*, *Trumbo* e *Chocolate* foram precedidas de leituras preparatórias, realizadas nas aulas de Redação, Sociologia e Filosofia. “Com isso, garantimos uma participação mais qualificada dos alunos nos debates que se seguiram aos filmes”, avalia Eduardo Valladares, coordenador da área de Humanidades do Stockler.

Confira nas próximas páginas o percurso formativo do Stockler relacionado às grandes questões da atualidade.

“O jornalismo tem esse grande mérito: ele vai para a realidade e devassa mesmo, agregando um aspecto social ao currículo do colégio.”
MARCOS STOCKLER



Aluno-repórter no Ensino Fundamental

O EXERCÍCIO DE SE COLOCAR NO PAPEL DE JORNALISTA FORMA MELHORES LEITORES DE NOTÍCIAS

Paula Takada, professora de Jornalismo do 6º ao 9º ano



Fotos: Paula Takada

O protagonismo dos alunos e o uso da tecnologia são os elementos que marcam a disciplina de Jornalismo do 6º ao 9º ano. A leitura semanal de notícias é acompanhada de projetos trimestrais em que os alunos assumem o papel de repórter em diferentes mídias.

No 6º ano, o trabalho prioriza o universo mais imediato do estudante: é comum ver os pequenos com seus celulares, entrevistando colegas e adultos pelos diferentes espaços da escola. No primeiro semestre de 2016, escreveram reportagens sobre o surto de H1N1, com dicas de prevenção e depoimentos de professores e alunos que haviam ficado doentes. Ao final do ano, estudaram radiojornalismo e produziram um pequeno programa batizado de “Manhã Stockler” (ver quadro abaixo).

Depois de terem passado pelo fotojornalismo e pelo gênero perfil, os alunos do 7º produziram um telejornal. A pauta, desta vez, eram os espaços públicos do centro de São Paulo, com reportagens sobre a Estação da Luz, a Praça da Sé e o Pátio do Colégio – locais visitados durante o trabalho de campo no centro da cidade, coordenado pela professora Cristina Charnis, de Geografia.

Dentro do eixo temático do 8º ano – “Tolerância e Intolerância” –, os alunos leram e assistiram reportagens sobre racismo, homofobia, xenofobia, machismo e outras formas de preconceito. A parte prática foi a realização de uma pesquisa de opinião com colegas do 9º e do Ensino Médio acerca de questões de gênero. Depois de terem estudado vários textos sobre o assunto, elaboraram um questionário e, por meio da ferramenta Google Forms, aplicaram a pesquisa nas outras salas. Para responder as perguntas, cada aluno utilizou seu próprio celular.

Nas turmas do 9º ano, editoriais dos principais jornais e artigos de opinião foram usados como materiais didáticos. Alguns dos debates que esquentaram as aulas de Jornalismo nessas turmas trataram de temas como a regulamentação do aborto – discutida no início do ano, no contexto das gestações de bebês diagnosticados com microcefalia –, a liberdade de expressão e os limites do humor. No último trimestre, um trabalho com Língua Portuguesa possibilitou a reflexão sobre a atualidade das questões sociais suscitadas por Jorge Amado no livro *Capitães da areia* (ver página 16).

Programa de rádio

TEXTO COLETIVO
PRODUZIDO PELOS ALUNOS

Manhã Stockler é o nome do programa de rádio produzido pelos alunos nas aulas de Jornalismo. Com dicas sobre “como fazer um bom 6º ano”, o programa tem como ouvintes principais os alunos que atualmente estão no 5º e virão para o 6º em 2017. Em parceria com o professor de Música, o grupo fez a vinheta de abertura do programa, que foi exibido no auditório antes das apresentações musicais e teve uma boa repercussão no colégio.

O programa está disponível no Canal do Stockler no YouTube: <https://goo.gl/GQH9Lx>

“

“Foi legal, eu consegui falar com clareza a minha parte”, afirma André Baltar.

“Para mim, o mais difícil foi me acostumar a ouvir minha própria voz”, confessa Rafael Maccagnan.

“Foi divertido, pois me ajudou em duas disciplinas ao mesmo tempo: Música e Jornalismo”, avalia Caio Junqueira.

Para Theo Marinelli, o desafio foi falar em inglês. “Precisei me concentrar muito para segurar o riso.”



“Esse trabalho ajudou a melhorar minha leitura em voz alta. Agora não fico mais gaguejando”, revela Thiago Steinberg.

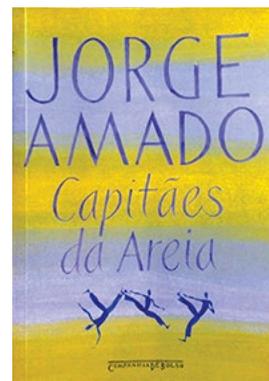
“Foi difícil. Gravamos várias vezes até chegar a um bom resultado”, conta Helena Pires.

”

JORNALISMO –
9º ano

Capitães do asfalto

No terceiro trimestre do 9º ano, os alunos leram *Capitães da areia*, de Jorge Amado, na disciplina de Língua Portuguesa. Em Jornalismo, refletiram sobre a atualidade das questões sociais retratadas no romance, com base no documentário *Falcão – Meninos do tráfico*, dirigido pelo rapper MV Bill e por seu produtor Celso Athayde, e na reportagem de Eliane Brum sobre o único entrevistado no filme que continuava vivo. “O vídeo causou um impacto forte nos alunos, pois mostra uma realidade completamente distinta da deles, mas que, infelizmente, acontece todos os dias com garotos e garotas da mesma idade deles e em comunidades muito próximas aos bairros onde vivem”, conta Paula, professora de Jornalismo. O artigo ao lado foi um dos resultados desse trabalho.



O SONHO NA MISÉRIA

por Antônio Lange Barcellos, 9º ano A

Durante a década de 1930, Jorge Amado publicou seu romance *Capitães da areia*, que contava a história de crianças e adolescentes vivendo na pobreza das ruas da cidade de Salvador (BA). Há alguns anos, a TV Globo exibiu o documentário *Falcão – Meninos do tráfico*, o qual também mostrava a vida de crianças pobres e abandonadas, vivendo em favelas do Brasil inteiro, envolvidas no tráfico de drogas. Mesmo com décadas de distância, a situação exposta nas duas obras guarda muitas semelhanças.

Os meninos do romance e do documentário são órfãos de pai e mãe, roubando no romance e traficando drogas no documentário, todos em busca da sobrevivência. Além disso, as raízes dos problemas enfrentados pelos dois grupos são as mesmas: a falta de apoio familiar e de escolas, conforme aponta Milton Hatoum, no posfácio de *Capitães da areia*.

Tanto os adolescentes e as crianças de décadas passadas quanto os atuais possuem, dentro do grupo ao qual pertencem, uma forte relação de irmandade e lealdade, e aquele que quebra essa relação é punido. No romance esses traidores são expulsos do grupo e, no documentário, os “X-9”, como são chamados os delatores, são mortos.

Ademais, os menores abandonados de ambas as obras têm sonhos. Esses sonhos são difíceis de serem conquistados, porém alguns dos garotos não desistem, com a esperança de mudarem suas realidades. É o caso do personagem Professor, no romance, que sonha em ser artista, e o caso de Serginho Fortalece, um dos entrevistados no documentário, que sonha em ser palhaço.

Portanto, apesar do tempo que separa o trabalho de Jorge Amado do documentário de MV Bill, a situação de abandono dos meninos continua praticamente a mesma. Entretanto, como diz Eliane Brum, às vezes eles “contrariam as estatísticas” e conseguem concretizar seus sonhos.

“As raízes dos problemas enfrentados pelos dois grupos são as mesmas: a falta de apoio familiar e de escolas.”

O mundo em suas palavras

ALUNOS DA 2ª SÉRIE FAZEM SIMULAÇÃO DO CONSELHO DE SEGURANÇA DA ONU SOBRE CONFLITOS NA SÍRIA

Ivan Paganotti, professor de Jornalismo do Ensino Médio

Os conflitos recentes na Síria revelam uma situação complexa que tem desafiado os líderes mundiais a construir uma resposta consensual, superando os interesses particulares de cada nação. Esse mesmo desafio foi assumido pelos alunos da 2ª série do Ensino Médio, que simularam reuniões do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) nas aulas de Jornalismo, para tentar resolver o cenário nesse país do Oriente Médio. Após aulas sobre a crise recente dos refugiados, o terrorismo do Estado Islâmico, a guerra civil síria e as primaveras árabes, cada aluno escolheu um país para representar no órgão da ONU que define as respostas para crises mundiais de segurança. Dessa forma, os alunos treinaram técnicas de pesquisa desenvolvidas no curso de Jornalismo, procurando em sites de notícias propostas discutidas para resolver os desafios vistos em classe.

Durante os debates, os alunos exercitaram a oratória nas apresentações de suas ideias, criticando e aprimorando as sugestões discutidas coletivamente. Além disso, essa atividade mostrou a importância de saber ouvir os outros, para poder identificar pontos em comum e superar divergências na construção de consensos. Por fim, os alunos puderam apresentar individualmente ou em grupos propostas para a aprovação coletiva. A turma da 2ª série A aprovou a maior quantidade de propostas desde que essa atividade começou a ser desenvolvida no Stockler, uma década atrás, enquanto a turma da 2ª série B aprovou a resolução mais longa e complexa na história dessa dinâmica. Já a 2ª série C acabou não conseguindo chegar a um consenso sobre nenhuma das catorze propostas apresentadas pelos alunos – o que, infelizmente, se aproxima bastante das dificuldades enfrentadas no verdadeiro Conselho de Segurança da ONU nesse tema.

Propostas aprovadas pelas turmas:

2ª SÉRIE A

Victória de Souza Patrício (Japão) – Países podem ajudar refugiados diferentemente, recebendo-os e/ou ajudando-os financeiramente.

Gabriela Alabarce Pellozo (Brasil) – Países que receberem refugiados devem se reunir com o Alto Comissariado nas Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) para definir prazos e metas de acolhimento.

Mariana Meziara Nogueira (ACNUR) – Países podem enviar reforços médicos, se possível, para ajudar na assistência aos refugiados e à população civil na Síria.

Júlia Manzella Senne (Nova Zelândia) – Se, eventualmente, houver libertação de refinarias controladas por rebeldes e terroristas, sua renda deve ser destinada ao ACNUR até o término do conflito.

2ª SÉRIE B

Marcela Dib Azank (EUA) – Proposta sobre a questão dos refugiados

PROBLEMA: terroristas se passam por refugiados para se infiltrar em outros países; muitos países estão sobrecarregados com população estrangeira, elevando taxas de desemprego.

PROPOSTA: permitir e monitorar refugiados que entram em novos países.

CONDIÇÕES: todos os indivíduos que desejarem entrar nos EUA procurando abrigo serão sujeitos a investigação; caso sejam simpatizantes do terrorismo, serão monitorados pelos EUA; se for provada conexão com extremistas e terroristas, o refugiado será deportado; informações básicas (identidade e digitais) serão coletadas; cotas de acolhimento obrigatórias (de acordo com economia e capacidade de abrigar refugiados) para que países participantes da ONU acolham refugiados, sem que nenhum fique sobrecarregado.

RESPONSABILIDADE DOS EUA: abrigar, com alimento, moradia e assistência, refugiados de acordo com sua cota; não será tolerada discriminação contra refugiados, garantindo inserção social (multa e investigação em caso de denúncia); conceder documentos de autorização de trabalho (EAD) para que os refugiados se insiram no mercado (muitos são mão de obra especializada); criar condições para que os indivíduos sejam bem-sucedidos na adaptação cultural; países que acolhem refugiados ganham com crescimento econômico, aumento do mercado consumidor e mão de obra qualificada.



Atualidades e o vestibular

SENSO CRÍTICO E CAPACIDADE DE DISCORRER SOBRE TEMAS CONTEMPORÂNEOS SÃO COBRADOS NAS PROPOSTAS DE REDAÇÃO DOS PROCESSOS SELETIVOS MAIS CONCORRIDOS

Ana Paula Severiano, professora de Redação do Ensino Médio

Este ano, mais uma vez, as provas de redação dos principais exames mostraram que, para escrever com competência, os alunos devem não apenas acompanhar o noticiário, mas também refletir sobre os acontecimentos recentes no Brasil e no mundo. Para isso, no Stockler, além de ensinar técnicas de redação, nós priorizamos o ensino do texto conectado às diferentes disciplinas, entre elas Jornalismo, Sociologia e Filosofia.

Em primeiro lugar, no Exame Nacional do Ensino Médio, a proposta “Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil” retomou a discussão relacionada a incêndios criminosos contra terreiros de candomblé no Distrito Federal, em 2015, bem como o caso de uma menina de 11 anos que foi atingida por uma pedra no Rio de Janeiro na saída de um culto afrobrasileiro, no mesmo ano. Na segunda edição do Enem, aplicada em dezembro de 2016 em função do movimento de ocupação das escolas secundaristas, o tema foi o combate ao racismo. Para construir uma argumentação eficiente, seria fundamental retomar um repertório associado aos casos de racismo nos esportes – como os que ocorreram com o goleiro Aranha, em 2014, e com a judoca Rafaela Silva, vítima de ofensas nas redes sociais durante os Jogos Olímpicos de Londres, em 2016.

O processo seletivo da Fundação Getúlio Vargas para ingresso na graduação em Administração também abordou o racismo. Pediu-se aos candidatos uma dissertação que relacionasse o preconceito em função da cor da pele às redes sociais – mais uma vez, o exemplo do esporte era apropriado, assim como a menção às diferentes celebridades que foram vítimas de injúrias raciais. Problemas brasileiros também foram discutidos na prova de redação da PUC São Paulo, que usou a nomeação de Carmen Lúcia como presidenta do Supremo Tribunal Federal para discutir escândalos de corrupção e a necessidade de moralizar a política e a justiça no país. Já o Insper aproveitou as Olimpíadas do Rio e elegeu como tema de uma de suas propostas a representatividade de pessoas com deficiência na publicidade. Essa discussão, aliás, foi bastante surpreendente, pois exigiu dos candidatos que analisassem as estratégias de persuasão adotadas pela mídia e, ao mesmo tempo, provassem estar informados sobre as Paralimpíadas e a realidade dos deficientes físicos no Brasil.

“*A informação e o senso crítico a respeito do mundo que nos cerca são tão importantes quanto o domínio da norma-padrão da língua portuguesa.*”

Finalmente, as provas da Faculdade Albert Einstein, para ingresso no curso de Medicina, e da Universidade Presbiteriana Mackenzie trouxeram temas mais abstratos, o que, de todo modo, não dispensa o conhecimento sobre atualidades. No Einstein, era necessário se posicionar em relação ao papel da argumentação nas redes sociais – em uma época na qual todos querem ser ouvidos e usam a liberdade de expressão prevista pela Constituição como justificativa para disseminar discursos de ódio. A importância da arte foi um dos temas do Mackenzie. Em tempos de intolerância religiosa, racismo, desesperança, xenofobia e falta de diálogo, nada mais pertinente do que pensar sobre uma de nossas armas mais poderosas, a de usar a linguagem como instrumento para realizar críticas sociais e projetar outros mundos possíveis.

A temporada de vestibulares ainda não terminou – em janeiro e fevereiro, acontecem os exames de segunda fase da Fuvest, da Unicamp e da Unesp. A análise das propostas aqui mencionadas deixa uma mensagem bastante clara: para que uma redação seja bem avaliada, a informação e o senso crítico a respeito do mundo que nos cerca são tão importantes quanto o domínio da norma-padrão da língua portuguesa.

REDAÇÃO –
1ª série do EM

Carta argumentativa

Um dos gêneros textuais estudados na 1ª série do Ensino Médio foi a carta argumentativa. Neste exercício, os alunos precisaram defender um ponto de vista, tendo uma pessoa ou instituição como destinatário. O debate sobre as atitudes preconceituosas dos torcedores em jogos de futebol possibilitou a produção do texto ao lado.

RACISMO NO FUTEBOL

por Júlia Ogawa, 1ª série B

Prezados secretários da Confederação Brasileira de Futebol (CBF),

Sou um torcedor do Grêmio. Redijo-lhes esta carta para notar a afronta que uma torcedora de meu próprio time fez ao goleiro Aranha e que, indiretamente, afetou a mim e a todos os outros negros no país (cerca de 54% da população).

Para entender o ocorrido, é interessante ressaltar que o preconceito racial existe há muito tempo, não só no Brasil como também no mundo. O futebol, especialmente em nosso país, marcou fases importantes no desenvolvimento social. Trazido para as terras brasileiras no fim do século XIX, foi logo adotado por negros e brancos e, assim, disputado nos estádios ou na várzea. No entanto, o futebol negro não se misturava com o branco. Com o passar do tempo, essa condição foi mudando: primeiro apareceram os jogos do 13 de Maio, os chamados “preto x branco”. Passadas algumas décadas, no Rio de Janeiro, o esporte começou a admitir a miscigenação dos antigos rivais, o que foi um primeiro passo para a integração negra na sociedade.

Atualmente, em pleno século XXI, é inadmissível que tais episódios de racismo se repitam; esse drama já deveria ter sido há muito superado. O que me aflige, no entanto, é a volta da discriminação, que se deve, provavelmente, ao estresse da população gerado pela crise econômica e que é descontado nos jogos de futebol. De 2014 para 2015, os casos de racismo aumentaram em 85%. O mais deprimente é que dos 35 infringimentos, apenas um foi punido.

É necessário que se aplique a devida pena para esse delito, por mais banal que ele pareça ser. Quando chama-se um negro de macaco, está-se violando a condição humana daquele indivíduo, tratando-o como um bicho, uma propriedade. Por isso, rogo-lhes que identifiquem os infratores e os punam devidamente, em vez de punir o time, não responsável pelo ato dos torcedores.

Obrigado, o torcedor crítico.

BLOG DOS ALUNOS -
Ensino Médio

A hora e a vez

A parceria entre as disciplinas de Redação e Jornalismo no Ensino Médio possibilita a produção de artigos em que os estudantes são desafiados a exercitar o senso crítico, discorrendo sobre temas polêmicos que os cercam. As melhores produções são publicadas no blog *A hora e a vez*.

Confira outros artigos em
www.colegiostockler-blog.com

“HOMO HOMINI LUPUS” – A ESSÊNCIA HUMANA

por Letícia Jaw, 2ª série B

“*Homo homini lupus*”, como escreveu o dramaturgo romano Platus, exprime a relação social que sempre esteve presente entre humanos. Admitimos, desde Descartes, que temos de contradizer a natureza, conquistando-a, transformando-a e destruindo-a. Desde Darwin, afirmamos que somos descendentes dos primatas, muito embora nos excluamos dessa árvore genealógica para idealizar uma cultura civilizada independente. Desde Hobbes e Rousseau, começamos a discutir conceitos relacionados ao poder do soberano; convencemo-nos, desde Freud, de que as guerras decorrem do nosso egoísmo e da nossa suposta superioridade. Vivemos em um mundo em constante degradação por seu próprio habitante, apesar de nos considerarmos seres evoluídos. Afinal, foi o homem quem criou a escrita, edificou cidades de pedra, construiu máquinas revolucionárias e percorreu o espaço.

A História prova que houve e ainda há evolução da humanidade, tendo em vista o panorama geral dos âmbitos sociais, políticos e econômicos. Começamos como *Australopithecus* nômades, que viviam da carne de caça. Surgiu, então, o fogo como elemento primordial, e agregado a ele diversas ferramentas para o aprimoramento da caça e da pesca. Com o tempo, aprendemos a cultivar e colher, possibilitando a estadia fixa em um determinado local. Passamos a viver em grupos organizados, descobrimos a arte da agricultura e da pecuária, determinamos funções específicas para cada indivíduo, desenvolvemos a linguagem e logo surgiram as civilizações.

Simultaneamente, vieram fatores excepcionais para o processo histórico: as guerras e revoluções, as doenças e necessidades, as mortes e as glórias. Pois, sem tais fatores, não seria possível o avanço na medicina, o aperfeiçoamento de técnicas agropecuárias, a expansão do conhecimento científico-tecnológico, a elaboração de pensamentos político-sociais divergentes e o desenrolar da vida na Terra. Seria mesmo o homem lobo do próprio

homem, como dissera Platus – e, depois, Hobbes –, ou a Natureza é que estaria contra nós?

Em razão das constantes transformações do mundo, dos erros e acertos que estamos sujeitos a enfrentar, transitamos continuamente, como um pêndulo de um relógio, entre dois planos sem nunca chegarmos ao destino desejado. Encontramo-nos presos entre a destruição e a evolução, entre a distopia e a utopia – circunstâncias que, apesar da disparidade de conceitos, caminham juntas. Por conseguinte, o homem contribui para a melhoria da sociedade como um todo, no entanto, para atingir seu objetivo, sente a necessidade de um recomeço, possibilitado apenas pela devastação daquilo que dera errado.

Esse movimento automático passa a dar origem a outra concepção, na qual, assim como a Natureza com seus desastres naturais, o ser humano segue um ciclo vicioso de degradação. Isso significa que, de forma paulatina, trilhamos às cegas um desenvolvimento autodestrutivo à medida que os erros se tornam mais palpáveis que os acertos: criamos, ampliamos, potencializamos e demolimos para começar tudo novamente. E, assim, surgem as doenças, as crises, as manifestações e as guerras.

A História por si só já provou o pêndulo do mundo, inserido nesse ciclo inconsciente de autodestruição da humanidade. Sendo assim, o homem é seu predador, capaz de grandes atrocidades e barbaridades a partir do momento em que desconhece a *hybris*, isto é, toda a desmedida com relação ao comportamento exagerado; mas faz isso por ignorância, por não encontrar outra maneira de recomeçar. “*Homo homini lupus*” (ou “o homem é lobo do homem”), como escreveu o dramaturgo romano Platus, exprime não só a relação social que sempre esteve presente entre os homens. Exprime, também, a relação que tecemos com o cultivo de nosso próprio ambiente, de nossa própria cultura, e de nós, humanos.

“Trilhamos às cegas um desenvolvimento autodestrutivo à medida que os erros se tornam mais palpáveis que os acertos.”

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

por Selene P. Zyngier, 3ª série C

A proposta de reforma do Ensino Médio apresentada em 2016 pelo governo Temer gerou grande repercussão. O documento prevê uma reestruturação das escolas com a divisão dos estudantes de acordo com áreas de interesse. Tal iniciativa governamental surgiu em resposta aos problemas da atual educação brasileira, mas não se propôs a resolver questões estruturais do sistema, como a desvalorização dos professores e o excesso de conteúdos no currículo. Nesse sentido, para lidar com os desafios do ensino básico, propostas mais articuladas com as reivindicações dos estudantes são necessárias para garantir a prevalência de valores democráticos no país e a formação de jovens críticos.

Em primeiro lugar, a discussão sobre o ensino público é pertinente, pois a educação é essencial em uma democracia. Segundo o sociólogo Durkheim, a cidadania só pode ser exercida a partir do pensamento questionador desenvolvido com os estudos. Dessa forma, um governo não é capaz de representar a vontade geral sem oferecer à população meios de adquirir conhecimento. No Brasil, durante o século XX, houve uma ampliação do ensino gratuito, permitindo a mais pessoas o acesso à educação. Entretanto, esse avanço não foi suficiente para garantir o esclarecimento do povo, uma vez que as novas instituições não ofereciam ensino de qualidade.

Nesse sentido, a maior parte das crianças brasileiras, hoje, vai à escola, mas no ambiente mencionado elas não recebem

qualidade satisfatória de instrução. Os dados do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) atestam tal realidade: 49,2% dos alunos brasileiros de 15 anos de idade têm dificuldades de compreensão textual e 66,6% deles apresentam problemas no entendimento de percentuais, frações ou gráficos. Tais deficiências na juventude formam adultos manipuláveis, incapazes de exercer por completo seu direito à cidadania. Diante dessa precariedade, estudantes e professores iniciaram, como protesto, as ocupações das escolas. O movimento defende serem os colégios espaços de expressão para os alunos e afirma que as decisões sobre o ensino básico deveriam partir de discussões entre estudantes e profissionais do ensino.

Para resolver os desafios da educação no Brasil, algumas medidas devem ser tomadas. É essencial que os movimentos de ocupação das escolas se organizem e apresentem uma proposta alternativa de reforma do Ensino Médio. Desse modo, o governo terá uma noção mais clara das reivindicações dos estudantes e poderá acatar parte das ideias apresentadas. Ademais, os sindicatos dos professores necessitam começar a defender maior participação política nas decisões sobre educação. Pode-se organizar greves, pedindo que normas educacionais não entrem em vigor sem a aprovação dos sindicatos. Por fim, para diminuir deficiências de estudantes, as escolas precisam criar materiais didáticos adicionais a serem usados em casa por crianças com dificuldades de aprendizagem.

“Propostas mais articuladas com as reivindicações dos estudantes são necessárias para garantir a prevalência de valores democráticos.”



Alunos em saída cultural noturna com encenação de lendas urbanas no centro de São Paulo

Trilha de livros



Fotos: SP Haunted Tour

A FORMAÇÃO DE LEITORES NO STOCKLER PERCORRE DEZENAS DE TÍTULOS CLÁSSICOS E CONTEMPORÂNEOS

Texto: Paula Takada

Desenvolver em adolescentes e jovens o hábito de ler é um dos grandes desafios da escola. A formação de leitores com um interesse genuíno pela leitura, para além das obrigações acadêmicas, é uma meta permanente do Stockler e atravessa o trabalho realizado nas áreas relativas à linguagem, em todas as séries do Ensino Fundamental e do Médio. Literatura, Gramática, Redação, Leitura Crítica e Interpretação de Texto são as principais disciplinas que se unem nesta longa jornada.

6º e 7º anos: acolhimento das diversidades

Ao chegarem ao Colégio, no 6º ano, os alunos trazem experiências culturais e acadêmicas bastante diversas. Aos 10 ou 11 anos, tudo é novo para eles: a escola, os colegas, os professores. Por isso, o eixo norteador do trabalho pedagógico dessa série é Organização Espacial e Temporal. Em Literatura, busca-se acolher e valorizar os diferentes repertórios construídos até então, por meio do trabalho com a biblioteca de sala e as indicações literárias (ver quadro da p. 24).

Com a mediação da professora de Língua Portuguesa, Adriana Ramacciotti, e do professor de Redação, Vicente Castro, as leituras obrigatórias no 6º e no 7º anos visam desenvolver no aluno autonomia durante o processo de leitura. Espera-se que ele encontre respostas para perguntas como “o que eu não entendi do livro?”, “por quê?”, “o que eu posso fazer quando aparece um obstáculo na leitura?”.

O trabalho estende-se ao longo do 7º ano e avança na análise de variações linguísticas empregadas nos livros e de recursos de coesão textual e gramaticais que favorecem a compreensão do texto. “Além disso, incentivamos os alunos a relacionar essas leituras a conteúdos abordados em outras disciplinas”, explica Adriana.

No 6º ano, a leitura do livro *Ruth Rocha conta a Odisseia*, por exemplo, permitiu aos alunos que entrassem em contato com um texto de qualidade, em parceria com a disciplina História. “Sabendo que iriam elaborar um jogo com as aventuras de Ulisses na volta a Ítaca, os jovens fizeram a leitura, selecionando informações para o trabalho final. Perceberam que os dados que não compreendiam em algumas passagens eram esclarecidos conforme prosseguiram com a leitura”, conta. Outros títulos, como *Peter Pan*, de James M. Barrie, *O Saci*, de Monteiro Lobato, e *O príncipe medroso*

so e outros contos africanos, de Anna Soler-Pont, integraram as leituras obrigatórias do 6º ano.

A invenção de *Hugo Cabret*, de Brian Selznick, possibilitou aprofundar o conhecimento dos alunos do 7º ano sobre a relação das linguagens verbal e não verbal. De acordo com a professora Adriana, “a leitura desse livro permitiu também que os alunos se aproximassem da história dos primórdios do cinema e estimulou o estudo de planos e enquadramentos na linguagem cinematográfica e seus efeitos de sentido”. A produção do material para esse trabalho específico foi feita com a orientação da professora de Artes do 9º ano, Carolina Gonzalez, que conduziu a participação dos alunos na análise dos planos no filme *Janela indiscreta*, de Alfred Hitchcock. Completaram a programação desta série os livros *Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand, *Três sombras*, de Cyril Pedrosa, e o clássico de Antoine de Saint-Exupéry, *O pequeno príncipe*.

8º e 9º anos: ampliação de repertório e projetos interdisciplinares

“Começamos o 8º ano lendo *O Hobbit*, de J. R. R. Tolkien, com foco em dois aspectos principais: a construção dos personagens e o desenvolvimento da jornada do herói”, explica Patrícia Del Valhe, professora de Língua Portuguesa do 8º e do 9º ano. Na sequência e em contraposição a essa análise, os alunos estudaram protagonistas que são anti-heróis nos livros *Frankenstein*, de Mary Shelley, e *Drácula*, de Bram Stoker – com a leitura de uma adaptação em inglês. O trabalho com essas obras foi articulado à saída cultural noturna pelo centro de São Paulo, na qual visitaram cenários de histórias macabras da cidade – como o cemitério da Consolação e os arredores do Teatro Municipal. “Neste projeto, conseguimos integrar Língua Portuguesa, Redação e Inglês, porque essas leituras fazem parte do universo das narrativas de horror”, explica o professor de Redação, Vicente Castro.

Nas aulas de Inglês, os alunos produziram um livro sobre vampiros, sob a orientação da professora Regina Tarifa, apoiando-se no *Drácula* e na série de televisão *Vampires Diaries* como principais fontes de pesquisa.

No segundo semestre, as turmas do 8º ano leram a edição juvenil de *Eu sou Malala*, de Malala Yousafzai e Patricia McCormick. Aqui a parceria se deu com a professora Regina Célia Giraldi, de História, que preparou uma sequência de aulas especiais para aproximar os alunos de conteúdos que não fazem parte do currículo do 8º ano, tais como o surgimento e a expansão do islamismo e a história do Paquistão. A professora Cristina Charnis, de Geografia, também contribuiu apresentando questões atuais do Oriente Médio. Em Inglês, a professora Regina Tarifa propôs o estudo do texto original do discurso feito por Malala na ONU, em 2013.

O trabalho contou com a contribuição especial do aluno sírio Riad Altinawi, que deu um testemunho – em árabe e em inglês – sobre a dificuldade vivenciada pelos familiares na Síria e a decisão de se refugiarem no Brasil. “As contribuições do Riad sobre o islamismo e sobre a cultura árabe ajudaram a turma a compreender melhor esta realidade tão distante”, conta Patrícia.

No 9º ano, o ano letivo começou com a leitura de *E não sobrou nenhum*, de Agatha Christie. “Os alunos gostam desta etapa porque o livro é muito bem escrito, com um mistério bem construído”, avalia Patrícia. “Um dos nossos objetivos é quebrar essa ideia de que leitura na escola é uma coisa chata e, assim, diminuir a resistência dos alunos às leituras no resto do ano”, complementa.



“We have been learning about vampires in English classes. We discussed and researched them until we had the necessary information to write a book about the vampires and their habits. The Vampire Diaries series and the Dracula book were both instruments we used to improve our knowledge. Without them, this guide book wouldn't be the way it is.”

ANA CLARA RAMON GIANNELLI,
8º ANO B



Bibliotecas de sala

Em 2016, as turmas do 6º e do 7º ano passaram a ter um acervo em sala de aula, constituído por livros da escola e dos próprios alunos. Eles elaboraram coletivamente o regulamento para empréstimos. Nas aulas de Jornalismo, leram diferentes modelos do gênero indicação literária e, em seguida, produziram as indicações dos livros que trouxeram de casa para integrar a biblioteca.

Complementando as aprendizagens em torno das leituras obrigatórias, neste projeto os alunos puderam experimentar outros importantes comportamentos leitores. Entre eles, os de escolher o que deseja ler – apoiando-se nas sinopses e nas sugestões dos colegas –, iniciar uma leitura e abandoná-la nos primeiros capítulos, caso não haja interesse, comentar a própria leitura e indicá-la a outra pessoa.

Outro destaque foi o estudo do livro *Maus*, uma história em quadrinhos diferente do padrão com o qual os alunos estão acostumados. Baseada em uma história real, ela traz personagens transformados em animais. Por meio da metáfora do mundo animal para a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto, os nazistas que perseguem os judeus são representados como gatos perseguindo ratos. “Essa leitura funcionou como uma introdução ao projeto Memórias, que integra todas as outras disciplinas” (ler mais na página 5).

No contexto do mesmo projeto, a visita ao Memorial da Resistência, em junho, antecipou o panorama histórico retratado por Marcelo Rubens Paiva em *Ainda estou aqui*. Além de detalhar episódios do período da ditadura militar no Brasil, nas décadas de 1960 e 1970, o autor apresenta suas memórias de seu pai – Rubens Paiva, morto pelas forças da repressão na década de 1970. O livro também trata do drama, no presente, de cuidar da mãe com mal de Alzheimer.

Foi uma discussão muito rica em torno do valor de resgatar e preservar a memória. A visita da sobrevivente do Holocausto, Nanette König, também integrou este projeto (ver página 5). Ela mostrou que é preciso recordar sempre, por mais dolorosas que sejam as lembranças, para que haja aprendizagem.

O último livro trabalhado pelo 9º ano foi *Capitães da areia*, de Jorge Amado. Em conjunto com a disciplina de Jornalismo, os alunos analisaram a pertinência dos questionamentos do romance nos dias atuais. De acordo com a professora Patrícia, em geral os jovens gostaram dessa leitura. “Foi bastante interessante, por exemplo, ouvir de uma aluna que ela não consegue mais olhar para uma criança de rua da mesma maneira”, conta.

Ensino Médio: teoria literária e vestibular

A literatura, que até o 9º ano era um conteúdo abordado por Língua Portuguesa e Redação, passa a ser uma disciplina no Ensino Médio, com uma professora exclusiva para lecioná-la. Tendo como foco o vestibular ao final da 3ª série, a programação abrange as diferentes escolas literárias e as leituras obrigatórias dos principais exames do país.

Na 1ª série, os alunos estudam do Trovadorismo ao Arcadismo. “Trago também algumas leituras para refletirem sobre eles mesmos”, explica a professora Ester de Almeida. Entre esses títulos estão *A metamorfose*, de Franz Kafka, *Hamlet*, de Shakespeare, e *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger. “Muitos se identificam com o *Apanhador* porque fala do ambiente familiar, da reprovação, das dores e das angústias de ser um adolescente”, conta Ester.

Complementam o trabalho dessa série os títulos *Minha vida de menina*, de Helena Morley, e *Vidas secas*, do Graciliano Ramos, presentes na lista da Fuvest para 2018 e 2019.

Na 2ª série, as aulas tratam do Romantismo ao Simbolismo. A carga de leitura é mais pesada, com os livros *Iracema*, de José de Alencar, *As cidades e as serras*, de Eça de Queirós, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis e *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.

O fio condutor da 3ª série vai do Pré-Modernismo à literatura contemporânea. *Sagarana*, de Guimarães Rosa, *Claro enigma*, de Carlos Drummond de Andrade, e *Mayombe*, do escritor angolano Pepetela, são analisados em profundidade no primeiro semestre. Depois de julho, os alunos dessa série fazem revisões pré-vestibulares.

Junto com o professor Jackson Farias, Ester organizou uma aula especial sobre o livro *Mayombe*, que entrou na lista da Fuvest em 2016. “É um livro muito interessante. Embora fale da independência de Angola, do movimento de guerrilha, também trata de amor, sexo, natureza, mitologia, e, ao mesmo tempo, fala muito sobre cultura africana”, analisa a professora, que pretende promover mais palestras nesses moldes em 2017.

REDAÇÃO – 9º ANO

Conto fantástico

Depois de conduzir a leitura e a análise de diferentes contos fantásticos nas aulas de Redação, o professor Vicente Castro lançou a seguinte proposta:

“Às vésperas do início da Segunda Guerra Mundial, uma estação de rádio norte-americana narrou, como se fosse uma notícia real, um trecho do livro de ficção científica *A guerra dos mundos*, de Orson Welles, em que se relatava uma suposta invasão alienígena na Terra. O noticiário causou pânico coletivo, e muitas pessoas realmente acreditaram que o planeta estava sendo invadido. Construa o relato de um(a) morador(a) de Grover’s Mill que ouviu o noticiário e acreditou que a Terra estava sendo invadida por alienígenas.”



RASTROS DE UMA NOITE

por Gabriela Guidi Trovó, 9º ano A

Ele estava lindo naquela noite. Me ajudara a preparar as luminárias de abóbora e a escolher os doces a serem distribuídos pelas crianças; tinha até mesmo feito sua própria fantasia de fantasma.

O Dia das Bruxas sempre foi minha comemoração favorita. Eu tinha a idade de Henry quando meu pai me contava histórias sobre invasores letais da noite, minhas preferidas.

Por volta das 20 horas, Henry já tinha saído para o ritual de “doces ou travessuras” havia duas horas e o suprimento de docinhos em casa acabara. A brincadeira nas ruas ainda levaria algumas horas, portanto Henry não estaria em casa quando eu voltasse.

Fui ao supermercado e estava quase de saída quando um tumulto, um caos, começou. Não entendi o que ocorrera, mas não importava. Tudo que eu precisava era chegar em casa e encontrar Henry. Tentei prosseguir, mas não havia como passar pela rua. Meu coração já batia acelerado, quando os alto-falantes do supermercado começaram a narrar a notícia de uma invasão alienígena, alertando todos sobre os incêndios que as criaturas haviam provocado, tais como suas características mais perigosas, como dispersão de gases tóxicos.

Me senti paralisada, sem a menor noção do que fazer. Percebi que o céu estava alaranjado, cor de fogo, e lembrei que saí às 20 horas e que, portanto, não era o pôr do sol.

Nada mais me importava naquele momento. Larguei tudo no chão e me posicionei contra a multidão, quando comecei a correr desesperadamente para casa.

Ao chegar, vi minha vizinha com sua filha e corri para encontrar Henry na entrada, mas ele não estava lá. Tudo que havia era sua fantasia de fantasma levemente queimada e um rastro de abóboras chamuscadas.

Dorothea, minha vizinha, disse que não vira Henry chegar ou qualquer um passar na minha casa. Ela me convidou para ficar em sua residência e aguardar notícias, depois de ligarmos o quanto pudemos para a polícia.

Esperamos e procuramos até o amanhecer, quando anunciaram que a notícia era falsa. Deixei a xícara de chá cair e uma lágrima de desespero rolou pelo meu rosto. Dorothea disse que eu precisava manter a calma; então me desculpei pelo incômodo, recolhi os cacos da xícara e levei até a cozinha, onde encontrei restos de abóbora um pouco pretos. Logo lembrei do rastro na minha porta de entrada e de que Dorothea perdera um filho alguns anos antes.

Sem que ela percebesse, segui a abóbora largada no chão, que me levou a um quarto onde meu filho dormia em um berço antigo, confortavelmente.

O que veio depois é um borrão em minha mente. Lembro de ter acordado no dia seguinte e corrido até seu quarto como se não soubesse que ele estava lá. Me recordo de querer culpar a transmissão pelos danos daquela noite, até notar que uma mente perturbada é capaz de qualquer coisa. Então, tudo que pude fazer foi sentir pena de Dorothea.

“Me senti paralisada, sem a menor noção do que fazer. Percebi que o céu estava alaranjado, cor de fogo, e lembrei que saí às 20 horas e que, portanto, não era o pôr do sol.”

Ciências da natureza

OS EVENTOS E PROJETOS QUE FORAM MAIS SIGNIFICATIVOS NA ÁREA EM 2016

FEVEREIRO

Aula inaugural para a 3ª série aborda questões éticas no campo da genética

Seria a Ciência um saber neutro, independente dos valores e ideologias que dão contorno à sociedade? Questões como essa foram abordadas pelos professores Paulo Borges, de Sociologia, e Lúcia Inês Macedo de Souza, de Biologia, em uma aula inaugural para a 3ª série do Ensino Médio. Para alimentar a discussão, os alunos assistiram a *Gattaca*. Lançado no final da década de 1990, o filme de ficção científica conta a história de um ser imperfeito em um mundo povoado por pessoas cujo código genético fora programado para corresponder a um ideal. “O tema não poderia ser mais atual, tendo em vista que o parlamento inglês acaba de aprovar a edição genética em embriões humanos,” comentou a professora Inês, doutora e pesquisadora em genética pela USP.

DE ABRIL A AGOSTO

Origens da ciência moderna: os legados de Galileu, Kepler e Newton

De abril a agosto de 2016, os alunos da 1ª série do Ensino Médio investigaram as origens da ciência moderna, com foco nas contribuições de Galileu Galilei, Johannes Kepler e Isaac Newton. O primeiro contato com o tema aconteceu por meio da peça *Galileu Galilei*, do dramaturgo alemão Bertolt Brecht, em montagem estrelada pela atriz Denise Fraga. Após assistirem à peça, os alunos produziram uma resenha crítica com descrição, contextualização e avaliação do espetáculo. Na segunda etapa do projeto, escolheram um dos três cientistas em destaque e pesquisaram a respeito de sua vida e obra. Ao produzir os registros dessa investigação, os estudantes empregaram normas técnicas de padronização de trabalhos científicos. Ao término do projeto, os alunos compartilharam com os colegas o conhecimento adquirido, por meio de apresentações orais.

JUNHO

Pioneers in Science: webcast sobre Astrofísica

Pela segunda vez, o Stockler foi escolhido para participar do programa “Pioneers in Science”, iniciativa internacional que promove encontros entre estudantes do Ensino Médio e grandes cientistas da atualidade. Dez alunos da 2ª série, selecionados com base em seu desempenho acadêmico em Física, representaram o colégio no webcast com a astrofísica Gabriela González no dia 3 de junho.

Professora titular do Departamento de Física e Astronomia da Louisiana State University, nos Estados Unidos, Gabriela fez parte da equipe que, em 2015, detectou um fenômeno previsto por Albert Einstein em sua teoria da relatividade geral, mas que ainda não havia sido observado empiricamente: as ondas gravitacionais. Trata-se de perturbações no espaço-tempo provocadas por eventos cósmicos de grandes proporções, como a colisão ou a fusão entre buracos negros.

Nascida em Córdoba, na Argentina, Gabriela González é porta-voz da LIGO Scientific Collaboration, grupo que reúne mais de mil cientistas dedicados ao estudo de ondas gravitacionais e de suas implicações para o campo da Astronomia. Durante a videoconferência, alunos de

escolas espalhadas pelo mundo todo conheceram mais sobre o trabalho da cientista e puderam fazer perguntas sobre temas ligados à sua pesquisa, sua opção pelo estudo da Física e os desafios que enfrentou para construir uma carreira acadêmica de sucesso.

Edição gênica: da ficção à realidade

No dia 22 de junho, os alunos da 3ª série participaram de uma aula especial com a pesquisadora Clarissa Rocha. Pós-doutoranda em Biotecnologia pela Universidade de São Paulo, Clarissa apresentou aos alunos o princípio da técnica de edição gênica conhecida como CRISPR/Cas9 – um sistema que revolucionou a maneira como os cientistas podem alterar o genoma das células.

A nova tecnologia tem recebido ampla cobertura da mídia, tanto por conta de suas aplicações quanto por suas implicações éticas. A revista *Science*, um dos mais importantes periódicos científicos do mundo, elegeu a edição genética como o avanço do ano em 2015. Diversos veículos brasileiros também deram destaque a essa notícia, tornando-a uma boa aposta para tema de redação nos vestibulares de 2016.

OUTUBRO

Projeto interdisciplinar em Brotas

No segundo semestre, as turmas do 9º ano realizaram trabalho de campo nas instalações do Acampamento Peraltas e da Fundação CEU (Centro de Estudos do Universo), em Brotas, no interior de São Paulo. Durante três dias e duas noites, o grupo participou de atividades de Astronomia, Física, Matemática e Biologia. A programação incluiu observação de constelações por meio de modernos telescópios, coleta de dados e produção de um relatório sobre lançamento de foguetes, e participação em uma sessão de inseminação artificial em equinos. O tema da festa à fantasia realizada no acampamento foi “Personalidades da Ciência”.

NOVEMBRO

Vídeos de Biologia com legendas em inglês

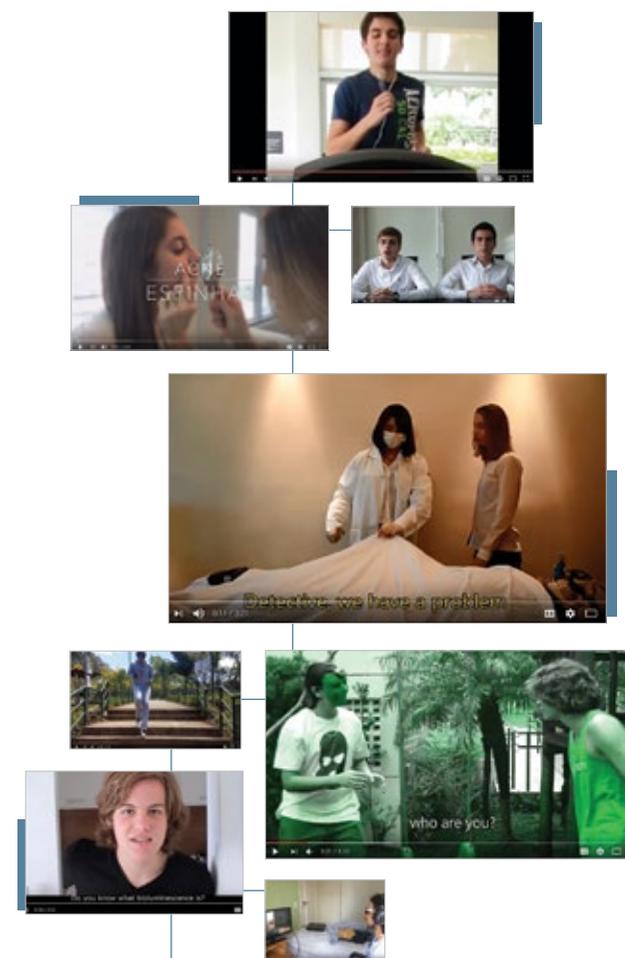
Desde 2012, os alunos da 2ª série do Ensino Médio são desafiados a produzir curtas-metragens sobre temas da Biologia, escolhidos dentre as sugestões do professor Ismael Andrade, coordenador do projeto. Este ano, os vídeos precisavam ser legendados em inglês. Assim, os alunos traduziram as falas e narrações dos curtas com o apoio da professora Regina Tarifa. Em uma oficina realizada pela professora Carolina Gonzalez, de Artes, relembrou técnicas de produção audiovisual que já haviam estudado no 9º ano.

Outra novidade do projeto foi o bate-papo com a jornalista Míriam Castro e com as ex-alunas do Stockler Gabriella Moretti e Marcella Corrêa. As três atuam como *youtubers* e conversaram com os alunos sobre essa possibilidade profissional oferecida pela internet.

“O envolvimento das turmas foi muito bom, porque a proposta dá voz para o aluno”, avalia Ismael. “Chama minha atenção a boa qualidade técnica dos vídeos.”



Foto: Thiago Rest Olímpio





“Sem ter a formação em Humanas, você é um profissional capenga.”

Ex-aluno do Stockler, formado em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP), **Marcelo Cremer** sente-se realizado. Aos 24 anos, trabalha em uma ONG, fornecendo embasamento técnico para a formulação de políticas públicas. Além disso, leciona como voluntário em um cursinho pré-vestibular de cunho social, apoiado pelo Stockler. Nesta entrevista, ele conta sobre seu percurso acadêmico e profissional.

Texto: Paula Takada
Fotos: Carolina Gonzalez

Como foi sua trajetória no Stockler?

Comecei a estudar no Stockler em 2007, na 1ª série do Ensino Médio. Fiz os três anos lá. Na 2ª série, comecei a dar monitoria das disciplinas de Exatas (Matemática, Física e Química). No último ano, parei com as monitorias para me dedicar exclusivamente ao vestibular. Passei em Engenharia Química na Poli-USP, na UFSCar e na Unicamp. Acabei fazendo a Poli e voltei a dar monitoria no Stockler até 2012, quando parei para começar a estagiar.

Você era um ótimo aluno. Teve alguma dificuldade?

A maior dificuldade foi entrar na escola sem conhecer ninguém. Na minha época, o Stockler não tinha o Ensino Fundamental, então todo mundo entrava sem conhecer ninguém. Mas foi legal, porque não tinha nenhuma “panela”. Fiz muitos amigos e, hoje em dia, a gente acaba não se vendo muito, mas foi uma época muito importante para mim, principalmente porque foi onde eu comecei a dar aulas. Também fiz parte do elenco da peça de teatro, com o professor Celso Solha.

Por que você escolheu Engenharia Química?

Sempre tive facilidade em exatas e gostava de um pouco de tudo. Quando comecei a ter aula de Química, no meu primeiro ano no Stockler, fiquei fascinado pela área, mas nunca tive muita clareza do que era e por que eu queria Engenharia Química. E sempre gostei muito de dar aula. Então, quando eu passei na Fuvest, eu pensei “se der tudo errado e engenharia não for pra mim, eu volto a dar aula.”

Descobri o que era Engenharia Química somente no decorrer do curso e me dei conta de que não gostava de muitas coisas ali. Sofri um pouco no curso, porque ele é muito direcionado para a indústria, com foco no desenho de equipamentos e na otimização de processos. E não era o que eu curti fazer. Eu gostava mais da parte científica mesmo.

Mesmo assim, você não desistiu da área.

Não. Em 2012, comecei a estagiar no lugar onde trabalho até hoje, uma organização não governamental chamada Instituto de Energia e Meio Ambiente, que dá embasamento técnico para a formulação de políticas públicas em qualidade do ar, geração de energia e mobilidade urbana.

Sou remunerado e trabalho com poluição do ar, emissão de gases do efeito estufa e impactos ambientais no uso e na produção de energia. É um trabalho com o qual me identifico bastante. O instituto não tem fins lucrativos e o objetivo é prover informação para a sociedade, subsidiar tecnicamente outras ONGs e contribuir com a formulação de políticas públicas, em parceria com o governo – municipal, estadual e federal – para tentar implementar ações voltadas para essas áreas (qualidade do ar e mobilidade urbana, principalmente). Além disso, analisamos o que já foi feito. Aqui em São Paulo, por exemplo, depois da implementação das faixas exclusivas de ônibus, a gente avaliou qual tinha sido o impacto na qualidade do ar e na redução do consumo de energia.

E você desistiu de ser professor?

De modo algum. Gosto muito de dar aula e até sentia falta do trabalho com as monitorias. Até que, no final do ano passado, um amigo me falou de um projeto social que precisava de professores de Química. Eu me interessei e, desde o início do ano, estou dando aulas como voluntário no Projeto Chance, que é um cursinho pré-vestibular gratuito para jovens moradores do Paraisópolis.

As disciplinas de Humanas foram úteis para sua formação?

Foram essenciais, principalmente no meu curso de engenharia, voltado para as Ciências Exatas desde o começo. Sem ter a formação em Humanas, você sai um profissional capenga. Deixa de visualizar como a sociedade acontece. Ainda mais no meu trabalho, que tem um viés social por tratar de mobilidade urbana, qualidade do ar etc. Se você não tem a visão da sociedade, fica restrito ao que é desenhar uma indústria, desenhar um equipamento, calcular coisas, acaba perdendo a conexão entre o que você faz e o que acontece no mundo.

E você ensina isso também aos alunos?

Eu tento fazer isso. No Chance, ao longo do ano, fizemos vários debates. Um deles tratou da mobilidade urbana e da ocupação do espaço público. Tentei mostrar aos alunos outro lado das Ciências Exatas: como você pode usá-las para entender o que está acontecendo em uma determinada política pública ou em um comportamento social e ver como melhorar isso. Usei o exemplo das faixas exclusivas de ônibus: olha, vocês acabaram de aprender como calcular velocidade média. Só com isso você consegue descobrir

quanto vai melhorar o tempo de viagem da pessoa que usa aquele ônibus. O desafio é estabelecer essas relações.

Qual é sua expectativa em relação às mudanças curriculares que o MEC está propondo para o Ensino Médio?

Eu tenho medo. A começar pelo agrupamento de Ciências da Natureza em uma coisa só. Acho que pode ser prejudicial, porque diminui a importância que cada ciência tem isoladamente. Além disso, acho lamentável perder disciplinas que melhoram o senso crítico das pessoas. Eu me sentia muito confortável no Stockler porque a gente tinha a mesma qualidade em todas as disciplinas. Sempre gostei de estudar tudo, independentemente da matéria. Só me fez bem ter entrado em contato com todas essas diferentes áreas do conhecimento ao mesmo tempo. É lamentável ter que escolher entre uma disciplina e outra, com a pouca maturidade que a gente tem nessa fase, e perder o que as outras matérias têm para oferecer, deixando de fazer essas pontes entre as diferentes áreas do conhecimento.

“Eu me sentia confortável no Stockler porque tinha a mesma qualidade em todas as disciplinas.”



Parceria

Localizado em Paraisópolis, o Projeto Chance é um cursinho pré-vestibular gratuito, voltado para jovens e adultos de baixa renda. Em 2016, o Stockler passou a ser o principal parceiro do projeto, fornecendo o material didático e contribuindo com a aplicação e correção dos simulados realizados pelos participantes.

“Todos os alunos receberam um relatório detalhado de seu desempenho nos simulados, nos mesmos moldes daquele que geramos para os estudantes do colégio”, explica Julia Stockler, gestora da escola e coordenadora do Chance.

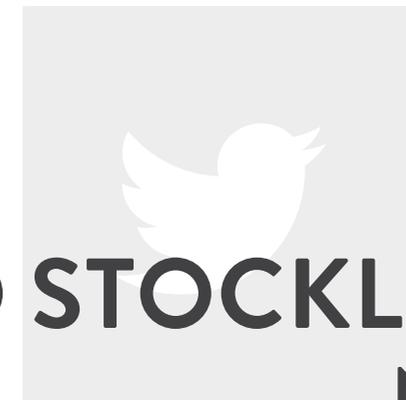
Anualmente, são oferecidas 80 vagas. As aulas são ministradas por professores voluntários e ocorrem aos sábados, das 8h30 às 19h30, na ETEC Abdias do Nascimento. As inscrições para a turma de 2017 serão realizadas presencialmente no mês de fevereiro. Os interessados serão entrevistados pelos docentes e selecionados com base em seu potencial de comprometimento com o curso.





Foto: Paula Takada

Durante a Festa Junina de 2016, as turmas do 8º ano apresentaram um repertório de maracatu tocando instrumentos que os alunos confeccionaram com materiais reaproveitados. As alfaias foram feitas de restos de tubos usados na obra da própria escola.



COLÉGIO STOCKLER

NAS REDES

SOCIAIS

-  Colégio Stockler
-  @StocklerSP
-  @ColegioStockler
-  Colégio Stockler

vesti bular

COLÉGIO
STOCKLER

vestibular.stockler.com.br

Um portal que reforça a tradição do Stockler na preparação para o vestibular. Com resumos, exercícios, vídeos e dicas sempre à mão dos alunos.



COLÉGIO
STOCKLER

Ensino Fundamental II – Ensino Médio
R. Barão do Triunfo, 648 – Brooklin
São Paulo – SP
www.stockler.com.br
(11) 5533-3752 / (11) 5093-8682



Colégio Stockler



@StocklerSP



@ColegioStockler



Colégio Stockler